



Rádio Documentário Facebook: O papel da rede social na articulação das manifestações de junho de 2013, em Campo Grande, MS¹

Laura TOLEDO²

Luana CAMPOS³

Mikaele LOURENÇO⁴

Daniela OTA⁵

Universidade Federal de Mato grosso do Sul (UFMS)

Resumo

Em junho de 2013, o Brasil foi palco de uma onda de grandes manifestações de rua, que sacudiram mais de 438 cidades do país. Em Campo Grande (MS), mais de 45 mil pessoas participaram dos atos nos dias 20, 21 e 22 daquele mês. O fim da corrupção, a reforma política e melhorias na educação e saúde públicas foram as principais reivindicações do movimento. O objetivo deste rádio documentário foi analisar a importância das redes sociais, para a articulação dessas manifestações. O projeto foi baseado em revisão bibliográfica e em entrevistas coletadas durante os protestos, com participantes e organizadores e posteriormente, com pesquisadores dessa temática.

Palavras-chave: Facebook; manifestações; junho de 2013; rádio documentário.

Corpo do trabalho

Para entender a relevância das mídias globais no aspecto cultural e político nos movimentos sociais, é preciso buscar como se deu a introdução e a evolução dos meios de comunicação de massa no Brasil. O que outrora foi feito pelo rádio, em sua fase de ouro, consolidada em 1940, agora é fortalecido pelas mídias digitais, mais precisamente pelos aplicativos e as redes sociais.

Entre as décadas de 30 e 50, o rádio teve um papel central nos acontecimentos políticos e foi completamente transformado por eles. Para os autores Alberto Dines e Eduardo Meditsch, a dimensão política desse veículo está ligada à sua própria história. O pesquisador Nilson Lage também define a radiodifusão, no período, como instrumento político dos Estados. Sob os cuidados de Getúlio Vargas, o rádio, outrora limitado apenas às camadas mais altas da sociedade brasileira, teve sua difusão

1. Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015
2. Jornalista profissional, graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em dezembro de 2013. E-mail: lauratrupe@gmail.com
3. Jornalista profissional, graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em dezembro de 2014. E-mail: luana123campos@gmail.com
4. Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: mikaeleteodoro@gmail.com
5. Professora Dra. adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), foi a orientadora do presente trabalho. E-mail: daniela.ota@ufms.br



incentivada. A possibilidade de acesso de um número cada vez maior de pessoas concedeu ao veículo o status de ferramenta de difusão de propagandas varguistas.

O rádio, hoje, é considerado uma mídia por demasiado fragmentada, destacando-se apenas por sua vocação regional ou local. Dando base para a criação e implantação da televisão, que começou a ser popularizada em 1948, o rádio foi rapidamente superado. Graças ao desenvolvimento de uma linguagem própria, a televisão transformou-se no principal e mais consumido meio de comunicação entre as mídias.

Essa realidade, no entanto, vem se transformando cada dia mais desde a criação da Internet. Criada em 1990, a Internet é “a rede das redes, o conjunto das centenas de redes de computadores conectados em diversos países dos seis continentes para compartilhar a informação” (PINHO, 2003, P. 41). Ela opera como “mecanismo de transporte que conduz os dados por um caminho de milhões de computadores interligados” (PINHO, 2003, P. 42).

Nascida para o uso militar a Internet, pouco a pouco se tornou um sistema de comunicação não-hierárquica, no qual não existe um elemento central que chefia. Em 1984, com a Internet liberta de suas origens militares, surge o ciberespaço, ambientes virtuais comunitários e participativos dos grupos de discussões. De acordo com Fabio Malini e Henrique Antoun (2013), a “guerrilha midiática” acontecia com a produção de contra informação usando o meio da radiodifusão (rádio, especialmente). Com a invenção do ciberespaço, a guerra de informação ocorre de modo subterrâneo, entre aqueles que possuem centrais de comunicação mediadas por computador.

A Internet trouxe consigo várias transformações sociais, tecnológicas, econômicas e culturais. A passagem dos meios de comunicação de massa tradicionais para um sistema de redes horizontais de comunicação, organizadas em torno da internet e da comunicação sem fio, introduziu uma multiplicidade de padrões de comunicação na base de uma transformação cultural fundamental à medida que a virtualidade se torna uma dimensão essencial da nossa realidade. (CASTELLS, 2010, P. II)

Foi graças as redes horizontais de comunicação que surgiram as comunidades virtuais. Vindo desde meados dos anos 80, elas formam, segundo Castells (2010), uma sociedade virtual diversificada e difusa da qual fazem parte centenas de milhões de usuários com menos de 30 anos.

Com a série de evoluções pelas quais passou, a internet foi, gradativamente, se inserindo no cotidiano das pessoas. Quando os usuários passaram a não apenas encontrar um conteúdo, mas compartilhá-lo, a adesão à internet cresceu muito. Depois



da revolução do compartilhamento, o poder de publicação migra dos detentores de grandes audiências para os que acumulam mais interações. O valor de uma rede deixou de ser calculado apenas pela quantidade de público de um *site*, ganhando maior importância o cálculo da quantidade de grupos criados e mobilizados na Internet por alguém (perfil ou coletivo), o que transformou fãs e seguidores em parceiros da produção de uma agenda informativa, a cultura das popularmente chamadas redes sociais na Internet ou Web 2.0 (MALINI; ANTOUN, 2013, P. 216).

O número de pessoas com acesso à internet no Brasil ultrapassou pela primeira vez a casa dos 100 milhões, segundo estudo divulgado pelo Ibope Media. Os dados referentes ao primeiro trimestre de 2013 indicam que o país tem 102,3 milhões de internautas. Um dos destaques da internet são as redes sociais.

O DNA das redes sociais é o perfil convertido em autor coletivo interconectado com os outros. Então, nas redes sociais, a priori, não há espectador (e se houver será rechaçado como aquele que espia: o stalker), mas uma comunidade de parceiros em conversa numa *timeline*, gerando um efeito de sobreposição discursiva no regime da economia de atenção. Sua base é a fala transformada nos “muitos que narram a partir da ocupação do mundo” (MALINI; ANTOUN, 2013, P. 214)

Seguindo o modelo de web 2.0, o usuário tem uma “*timeline*”, deixa de ser usuário para se tornar um perfil. A *timeline* funciona como um mural de notícias, cuja atualização vai sendo feita, ao mesmo tempo, pelo dono ou por qualquer outro perfil que ele decida incorporar nela; seja como amigo, seguidor ou membro do seu “círculo”. É justamente a possibilidade de compartilhar, curtir, comentar e visualizar na *timeline*, que fez da rede social Facebook uma das mais importantes na articulação das manifestações ocorridas em Campo Grande e em todo Brasil.

Dados divulgados em março de 2013 pela ComScore (empresa de pesquisa de mercado digital) revelam que o tempo que os brasileiros passam em redes sociais aumentou de 342 minutos em média por usuário ao mês, em outubro de 2011, para impressionantes 579 minutos por usuário ao mês, em dezembro de 2012. Eles passam a maior parte desse tempo (93%) no Facebook, que ocupa a primeira posição na categoria.

O Facebook também se destaca em número de usuários, é a rede social que possui o maior número de cadastrados no mundo. Apenas no Brasil, a plataforma alcançou a marca de 76 milhões de usuários em junho de 2013, segundo a própria empresa. O número mantém o país no posto de segundo maior mercado em número de



usuários da rede social no mundo – o primeiro posto ainda é ocupado pelos Estados Unidos – um total correspondente a 7% do número total de cadastrados no site, que chegou recentemente a 1,15 bilhão de pessoas.

Essas ferramentas tecnológicas possibilitaram a revisão de conceitos como liberdade de informação, dando lugar a assuntos como comunicação compartilhada, inteligência coletiva, fim da passividade do receptor e direito à intercomunicação. Essas mudanças trouxeram enormes repercussões em nossa vida social, econômica, política e simbólica. De acordo com Jenkins (2009), o momento atual de transformação midiática está reafirmando o direito que as pessoas comuns têm de contribuir ativamente com sua cultura.

A nova cultura política – bem como a nova cultura popular – reflete o jogo de forças entre os dois sistemas de mídia: um, de radiodifusão e comercial, o outro, destinado a um público menos e alternativo. É mais provável que novas ideias e pontos de vista alternativos surjam no ambiente digital, mas a mídia comercial vai monitorar esses canais, procurando conteúdos que possam cooptar e circular. [...] A radiodifusão fornece a cultura comum, e a web oferece canais mais adaptados para a reação a essa cultura. (JENKINS, 2009, P. 291)

Para Targino (2009), as mudanças sociais constituem expressão comum nos dias de hoje. A prática de expressar e compartilhar ideias por meio de ferramentas da internet é cada vez mais frequente. A autora denomina a prática de *bookcrossing*, na qual várias pessoas juntam-se para expressar suas alegrias e mazelas em um espaço público por uma corrente ininterrupta e sem imposições. A autora faz ainda menção ao termo “ciber-cidadão”, que utiliza do espaço online para exercitar deveres e reivindicar direitos perante o estado; o que percebemos é que as redes sociais também estão entre os meios on-line de propagação dessas ideologias. Nessa perspectiva, Targino conclui que a tecnologia junto da informação determina transformações na sociedade, pois está em todos os setores do nosso dia-a-dia, interferindo em valores pessoais e coletivos. Além disso, o ambiente de transição da cultura da convergência, todos se tornam participantes mesmo que em diferentes graus de status ou influência (JENKINS, 2009, p.189).

Além da facilidade de se compartilhar conteúdo, o Facebook possui ainda outra ferramenta que teve papel fundamental na articulação das manifestações: o evento. A possibilidade de se criar um evento, convidar amigos e compartilhar conteúdo na página de convidados do evento proporcionou uma potencialização da organização de grandes



grupos de pessoas, sendo um dos principais mecanismos usados para reunir e informar os participantes antes dos atos realizados em junho de 2013.

Jenkins explica que a partir do século XXI ocorre o ressurgimento público da criatividade popular alternativa, isto é as pessoas comuns se aproveitam das novas tecnologias que possibilitam o arquivamento, a apropriação e a recirculação de conteúdos de mídia.

Em entrevista, Fabio Malini afirma ser este o grande trunfo dos movimentos sociais responsáveis pela articulação das manifestações de junho: “o evento se tornou um lugar por onde passa a ação política dos protestos, o evento se tornou uma grande praça, por que a praça é o local por onde você passa e em geral não conhece as pessoas que estão por ali. E o evento era um lugar que você via pessoas que não eram pessoas da sua timeline. E isso foi interessante por que também permitia que a gente saísse um pouco da saturação do outro que habita a nossa timeline”. Para ele o Facebook foi importante para expressar e compartilhar as revoltas acumuladas pela população, o que leva o usuário a um dos locais originários da internet, os fóruns e grupos de discussão. Além disso, essas “comunidades on-line fornecem os meios para que os participantes expressem a desconfiança nas notícias veiculadas pelas mídias e o descontentamento com a política”. (JENKINS, 2009. P.296)

Consideradas as principais ferramentas de articulação de vários movimentos sociais recentes, como o 15M espanhol, a Primavera Árabe e o Occupy Wall Street (sucedido por uma série de ocupações de espaços públicos de diversas cidades do mundo), o Facebook, mesmo sendo uma marca corporativa, e as outras tantas redes sociais foram fundamentais também para a ascensão da chamada mídia livre, uma mídia sem filtros corporativos que se vale da tecnologia para compartilhar e difundir conteúdos.

Essa diversificação é considerada politicamente importante para Jenkins (2009) que afirma que é esse o fator que expande o conjunto de vozes que podem ser ouvidas e embora algumas sejam mais proeminentes que outras, nenhuma delas é inquestionável. Essa nova mídia, segundo o autor, tem princípios diferentes da radiodifusão por seus princípios de acesso, participação, reciprocidade e comunicação ponto a ponto, em vez de um para muitos.

Essa mídia, alternativa às grandes empresas comunicacionais, surgiu em 1999. O IMC foi criado por organizações e ativistas da mídia independente e alternativa, com o



propósito de oferecer uma rede para a cobertura jornalística dos protestos de novembro de 1999 contra a OMC (organização Mundial do Comercio) em Seattle.

Contudo, é inegável destacar que, nesse novo cenário de mídia, publicar significa que existem muito mais meios de comunicação social e que o “assunto do momento” não é apenas resultado da rotina produtiva das instituições da notícia (imprensa), mas gerado pela mistura de veículos formais, coletivos informais e indivíduos, que fazem provocar a emergência não somente de novas formas de espalhar, de modo colaborativo, as notícias, mas sobretudo de contá-las. (MALINI; ANTOUN, 2013, P. 216)

O advento da web 2.0 e da revolução do compartilhamento fortaleceram as mídias independentes e fizeram delas grandes portais de vozes minoritárias, com especial atuação nos eventos acima citados e, mais recentemente, nas manifestações de junho de 2013 no Brasil. Surge, a partir desse momento a figura do *midia-livrista* ou *ciberativista*, que se apropria das ruas e das redes munidos de celulares com acesso à internet 3G ou *wi-fi* e que passam a transmitir ao vivo os acontecimentos ao mesmo tempo em que colabora para a construção dos mesmos.

No Brasil, durante as manifestações de junho, a repercussão da Mídia Ninja (acrônimo de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) registrou seu ápice. A cada duas horas, em média, o grupo postava uma nova foto, link ou relato em sua conta no Facebook. Continuamente, o site PósTV fez a transmissão dos protestos em tempo real. A grande justificativa apresentada por Luiz Felipe Marques, *midia-livrista* do grupo Mídia Ninja, em entrevista concedida como fonte para este rádio documentário, foi a proximidade da cobertura com os eventos ocorridos. Assim, o *midia-livrista* além de reportar a realidade dos fatos, acaba por construir e participar do processo, sendo esse o papel do *ciberativista*. Em toda parte, imagens, sons, textos e vídeos registravam a movimentação ou veiculavam o debate de questões sociais em múltiplos canais em tempo real, produzindo mais interações e conversações. Eles conseguiram, ao se plugar da rua à Internet, fazer com que as lutas locais tornassem-se mundiais, como ficou evidenciado durante as Jornadas de Junho brasileiras. No livro “Cultura da Convergência”, Jenkins destaca um capítulo especial para falar sobre as eleições de 2004 nos EUA onde cita que foi nesse cenário que puderam constatar que os cidadãos estavam aplicando o que aprenderam como consumidores de cultura popular reagindo com ativismo político ao discurso cortejador dos candidatos:



Talvez não possamos derrubar o poder estabelecido (seja o poder dos partidos políticos ou dos grandes doadores de dinheiro) da noite para o dia: ninguém envolvido nessas campanhas inspiradas na cultura popular está falando em revolução, digital ou de outra ordem. Estão falando de uma mudança no papel do público no processo político, aproximando o mundo do discurso político das experiências de vida dos cidadãos; estão falando em mudar a maneira sobre como as pessoas pensam sobre comunidade e poder, para que sejam capazes de mobilizar a inteligência coletiva e transformar o governo; e estão falando em substituir o conceito do cidadão individualmente informado pelo conceito cooperativo do cidadão monitor. (JENKINS, 2009. P. 287)

A democracia digital prevista por Jenkins – descentralizada, dispersa de forma desigual, contraditória e vagarosa em seu surgimento – tende a aparecer como um senso maior de comunidade e participação e de menor dependência de expertise para resolver problemas coletivos. Um sentimento de poder que vêm não para destruir a cultura comercial, “mas de reescrevê-la, modifica-la, corrigi-la, expandi-la, adicionando maior diversidade de pontos de vista, e então circulando-a novamente, de volta as mídias comerciais”. (JENKINS, 2009)

Produto

A pesquisa gerou o produto “Rádio Documentário Facebook: O papel da rede social na articulação das manifestações de junho de 2013, em Campo Grande, MS”, disponível em: <https://soundcloud.com/tccs-jornalismo-ufms/facebook-o-papel-da-rede>. Em dezembro de 2014 a obra foi premiada com o primeiro lugar da categoria rádio documentário do Festival Universitário do Audiovisual (FUÁ 2014).

O primeiro bloco contextualiza as mobilizações em Campo Grande, com dados como número de manifestantes, qual foi a importância do Facebook como ferramenta de articulação e como foi criado o evento na capital. Foram utilizados recursos como captação do áudio de matérias televisivas para dar uma dinâmica mais fluida ao ouvinte.

No segundo bloco, abordamos o perfil dos manifestantes e suas principais reivindicações. No terceiro bloco foi discutida a criminalização dos manifestantes e a diferença de abordagens entre a mídia corporativa e a mídia livre. Aqui, nos valem das falas dos jornalistas Arnaldo Jabor e José Luiz Datena, por terem impulsionado exponencialmente o ‘meme’ (paródia criada a partir de softwares de manipulações de imagem que sintetizam assuntos do momento). criado na rede Facebook sobre o assunto. O recurso de utilizar matérias televisivas nacionais neste ponto se dá com o



intuito de contextualizar as manifestações em nível de Brasil e substituir a utilização de muitos offs, por acreditarmos que isso tornaria o documentário cansativo.

Por fim, no quarto e último bloco, procuramos estimular nos espectadores uma reflexão a respeito da crise política que se evidenciou com as mobilizações. Citamos a fala da Presidente Dilma Rousseff, durante um pronunciamento em cadeia nacional sobre as manifestações, e finalizamos com um trecho do texto “A mídia, os artistas, o medo e o silêncio” do escritor João Paulo Cuenca, o qual tomamos conhecimento por intermédio de Fabio Malini e que nos chamou a atenção fortemente. A escolha da música de encerramento do rapper Emicida, “Samba do fim do mundo” se deve pelo fato de ela, de certa forma, compilar toda a temática que tentamos transmitir com o nosso produto final.

Considerações finais

Com este trabalho pudemos constatar o importante papel que as redes sociais desempenharam na articulação das manifestações de junho de 2013, em Campo Grande (MS). Seja pela facilidade de selecionar e compilar conteúdos de interesse individual ou pela facilidade de compartilhar e comentar informações, o fato é que as redes sociais obtiveram o posto de grande mobilizador e agregador de pessoas.

Nas entrevistas realizadas durante os protestos em Campo Grande, nos dias 20, 21 e 22 de junho, esse papel ficou muito evidente. Dos 26 entrevistados, nos três dias, 24 afirmaram ter tido contato com a organização das manifestações na Capital por intermédio das redes sociais. Além disso, muitos deles admitiram duvidar da ocorrência dos protestos caso as informações não estivessem disponíveis nessas plataformas. Posteriormente, os depoimentos de especialistas e pesquisadores entrevistados por nós confirmaram a importância central das redes sociais no desencadeamento dos eventos ocorridos.

Entre outras coisas pudemos concluir também que as demandas e insatisfações apresentadas nas ruas não surgiram instantaneamente, mas são resultados de décadas e décadas de anseios não atendidos, de carências sociais e de deficiências no atendimento do Estado. Nesse sentido, as redes sociais funcionaram como um espaço de compartilhamento desses anseios e revoltas.

Em meio a uma enorme gama de mídias sociais existentes, preferimos nos limitar a observação apenas do Facebook nesse processo de articulação, principalmente por ser a rede social de maior utilização e acesso no Brasil e, também, por esta apresentar ferramentas que se sobressaíram às demais no quesito organização e



convocação de pessoas. Podemos citar a possibilidade de compartilhar conteúdos e, principalmente, a criação de eventos e a facilidade de se convidar amigos para tais como os maiores destaques dessa plataforma. Observamos também que, assim como foram importantes para o desencadeamento dos atos, as redes sociais garantiram ainda o acesso de boa parte da população a uma quantidade incontável de fontes de informações que não apenas os meios impressos e televisivos.

Esse fator foi importante para a explosão de manifestações por todo Brasil, incluindo cidades pequenas, médias e grandes, além, é claro, das metrópoles São Paulo e Rio de Janeiro, nas quais a onda de manifestações adquiriu caráter mais profundo e radical. O fim da corrupção, a reforma política e melhorias na educação e saúde pública estiveram entre as principais reivindicações apresentadas pelos manifestantes.

Além da ampla diversidade de pautas e demandas, os perfis, isto é, as idades, posicionamentos políticos ideológicos e estratos sociais também se apresentaram absolutamente multiformes. Apesar disso, a necessidade de se tomar a rua e verbalizar desejos e anseios antes esquecidos pode ser considerada comum a todos eles. Essa radicalização das demandas e volta das ações diretas foram acompanhadas de perto e construídas a todo momento pela figura dos *midia-livristas* que, em certa altura das manifestações, obtiveram maior destaque que as próprias ações organizadas, justamente pela proximidade entre sua pauta e sua causa.

Esses mediadores, munidos de celulares com acesso à internet 3G ou por meio do compartilhamento de redes *wi-fi* cedidas pela população, mostraram de perto e de dentro a verdadeira face das movimentações sociais como nunca antes haviam sido relatadas pela mídia tradicional. Valendo-se de transmissões ao vivo e pouquíssimas edições no material, considerado por muitos bruto demais para ser transmitido, esses *ciberativistas* permitiram o acompanhamento diferenciado desse período histórico.

Blogs, perfis e páginas na internet pipocaram durante todos os meses decorridos desde os atos iniciais suscitados pelo Movimento Passe Livre, em São Paulo, que levou milhares de paulistanos às ruas para protestar contra o aumento das passagens e a péssima qualidade do transporte público da cidade. Como fogo em palheiro, o movimento cresceu e se alastrou por todo o Brasil. Muito dessa expansão se deve justamente a esses canais alternativos de comunicação, a mídia livre, em desenvolvimento no Brasil há mais de 10 anos, mas que viveu especial ascensão e notoriedade durante as manifestações.



Essa ascensão da mídia livre muito se explica pela procura da população, antes rara, por versões diferentes daquelas apresentadas pela mídia tradicional, evidenciando para um grande número de pessoas as interferências e vícios de coberturas desses veículos consagrados. Com isso, cai também o estereótipo, a máscara de “despolitizados” presa historicamente à população brasileira. Exemplo disso são as pesquisas que apontaram que os posts mais curtidos durante o período de manifestações tratavam-se de textos corridos. Isso mostra que existiu uma busca por informação e conteúdos complementares aos apresentados no rádio, na televisão e jornais impressos.

O fim da passividade política e o despertar do interesse social de uma parcela da população menos atuante pode ser considerada como grande consequência dessas manifestações, que são apontadas por muitos como as maiores desde o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor, em 1992.

À luz de toda movimentação, articulação e mudanças de condutas e pensamentos, podemos concluir que a principal herança desse período de manifestações foi a consciência a respeito de duas crises profundas arraigadas no Brasil. Em primeiro lugar, a crise da comunicação e a necessidade imediata de uma reformulação do modelo jornalístico, obsoleto e estagnado, adotado pelos grandes veículos de comunicação. E, ainda, a urgência da democratização da comunicação e o repensar do modo superficial de abordagem da mídia corporativa para com os movimentos sociais. Em raríssimos momentos da história da comunicação do Brasil, os veículos tradicionais foram tão questionados pela população. Também são poucas as vezes que verificamos tão claramente as dificuldades por parte destas empresas de se entender e acompanhar o desenvolvimento das pautas defendidas pela população e incessantemente negadas pelas mesmas. Do mesmo modo, nunca nos pareceu tão notável a tentativa de criminalizar, desqualificar e diminuir ações espontâneas da sociedade.

Em segundo lugar, e talvez ocupando lugar mais simbólico como resultado dessas jornadas, podemos elencar a crise da representação política. A negação por parte da população de todo modelo de política praticado no Brasil, com base nas trocas de favores, conchavos e disputas de poder e a necessidade urgente de uma oxigenação da democracia brasileira com as garantias legais garantidas pela constituição à sociedade nunca foram tão discutidas. Partidos, sindicatos e todos os símbolos que caracterizam esse modelo democrático representativo estão sob julgamento popular. A renovação é iminente e a busca por alternativas não deve se limitar às redes sociais, mas sim



ultrapassá-las, ganhar as ruas e fazer ruir toda a estrutura cristalizada por anos e anos de apatia política, processo esse iniciado com as Jornadas de Junho.

Por todos os motivos citados, o desenvolvimento deste rádio documentário, que nos permitiu acesso a uma grande quantidade de artigos, bibliografias e opiniões acerca do que representaram tais manifestações, nos levou à conclusão de que o período conhecido como Jornadas de Junho já obteve lugar de destaque no *hall* dos grandes eventos históricos, políticos e sociais do Brasil.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo, SP, Paz e Terra, 2011.

DINES, Alberto; MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação**. Florianópolis, Insular Ltda, 2007

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A Internet e a Rua: Ciberativismo e Mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2013.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática. 1985

PINHO, J.B. **Jornalismo na internet: Planejamento e produção da informação**. São Paulo, Summus, 2003

TARGINO, M. das G. **Jornalismo cidadão informa ou deforma?** Brasília, DF, UNESCO, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo, SP, Aleph, 2009.

BOITO, Armando Jr. **O impacto das manifestações de junho na política nacional**. 2 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/15386>>. Acesso em 11 de nov. de 2013.

CARTA CAPITAL. **Os protestos de junho entre o processo e o resultado**. 27 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/os-protestos-de-junho-entre-o-processo-e-o-resultado-7745.html>>. Acesso em: 11 de nov. de 2013.

CNT. **Redes sociais têm ganhado cada vez mais importância no cenário político brasileiro**. 17 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.cnt.org.br/Paginas/Agencia_Noticia.aspx?n=9005>. Acesso em 22 de set. de 2013.

FOLHA DE S. PAULO. **Brasil chega a 76 milhões de usuários no Facebook**. 14 de agosto. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1326267-brasil-chega-a-76-milhoes-de-usuarios-no-facebook-mais-da-metade-acessa-do-celular.shtml>>. Acesso em: 22 de set. de 2013.

FOLHA DE S. PAULO. **Campo Grande MS reduz tarifa horas antes do protesto**. 20 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298343-campo-grande-ms-reduz-tarifa-horas-antes-de-protesto.shtml>>. Acesso em 22 de set. de 2013.



G1. Trinta mil protestam em Campo Grande, diz PM. 20 de junho de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2013/06/numero-de-manifestantes-chega-20-mil-em-campo-grande-diz-pm.html>>. Acesso em 22 de set. de 2013.

IG. Onda de protestos atingiu pelo menos 353 municípios no país. 30 de junho de 2013. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2013-06-30/onda-de-protestos-atingiu-pelo-menos-353-municipios-no-pais.html>>. Acesso em: 11 de nov. de 2013.

MS RECORD. Em apoio ao movimento nacional, grupo de estudantes organizam protestos contra corrupção na capital. 17 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.msrecord.com.br/noticia/ver/96766/em-apoio-a-movimento-nacional-grupo-de-estudantes-organizam-protestos-contra-corrupcao-na-capital>>. Acesso em 22 de set. de 2013.

MACHADO, Renato. O papel das redes sociais nas manifestações populares. – Jornal da Globo. 20 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=hpIBeNQXHyo>>. Acesso em 11 de nov. de 2013.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Por que a mídia tradicional tem medo da mídia ninja. 13 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/08/por-que-a-midia-tradicional-tem-medo-da-midia-ninja.html>>. Acesso em: 15 de nov. de 2013.

TV MORENA. Protesto em Campo Grande reúne 30 mil pessoas. 21 de junho de 2013. Disponível em: <<http://globo.com/tv-morena/bom-dia-ms/v/protesto-em-campo-grande-reune-30-mil-pessoas/2647239/>>. Acesso em 12 de nov. de 2013.

TV MORENA. Multidão vai às ruas em Campo Grande MS. 20 de junho de 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/multidao-vai-as-ruas-em-campo-grande-ms/2646331/>>. Acesso em 12 de set. de 2013.